



Veredas atemática Volume 19 nº 2 – 2015

Aprendizagem da Língua Inglesa como terceira língua (L3) por aprendizes surdos brasileiros: investigando a transferência léxico-semântica entre línguas de modalidades diferentes

Maria Clara Corsini Silva (PUCRS)
Lilian Cristine Hübner (PUCRS)

RESUMO: O objetivo do artigo é analisar o processo de transferência léxico-semântica na Língua Inglesa como L3 por nove (9) surdos, usuários nativos da LIBRAS (L1) aprendizes da Língua Portuguesa (L2). Foram aplicadas três tarefas lexicais com o programa *E-Prime* e um teste de produção de palavras escritas em Inglês. Os resultados indicaram transferência entre línguas de modalidades distintas (LIBRAS e Inglês), bem como uma transferência maior da LIBRAS para o Inglês na comparação com o Português, língua oral como o inglês, mas em nível mais baixo de proficiência na comparação com a LIBRAS. Os resultados estão em consonância com a hipótese da coativação das línguas na mente de um bi/multilíngue.

Palavras-chave: LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais); surdez; aquisição de terceira língua (L3); multilinguismo; transferência léxico-semântica.

Introdução

Embora nas últimas décadas tenha havido um interesse crescente na aquisição¹ multilíngue (L3, L4, Lx), ainda se verifica um contraste entre o grande número de pesquisas

¹ Não é objetivo deste trabalho discutir as diferenças conceituais entre os termos “aquisição” e “aprendizagem” de língua. Assim, os termos serão usados indistintamente. Tampouco, há nossa preocupação em delimitar o sentido de L2 e L3, quanto às concepções associadas aos termos “língua estrangeira”, “segunda língua” ou, mais recentemente, “língua adicional”.

feitas nas áreas de aquisição da língua materna (L1) e da segunda língua (ou língua estrangeira, ou adicional - L2) e os estudos no campo do multilinguismo. Se as pesquisas sobre a aquisição de L3 com sujeitos ouvintes falantes de línguas orais ainda são escassas, consideravelmente bem mais raros são os trabalhos com surdos aprendizes de uma L3.

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar como ocorre a transferência lexical na Língua Inglesa (doravante LI) (L3) por uma amostra de estudantes surdos brasileiros, usuários da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como L1. Mais especificamente, procurou-se verificar se em línguas de modalidades diferentes (espaço-visual e oral-auditiva) pode haver transferência interlinguística em nível lexical. O segundo objetivo mais específico foi averiguar a relação entre a proficiência adquirida nas línguas anteriores (LIBRAS e Língua Portuguesa – doravante LP) sobre a aquisição da LI. O terceiro objetivo foi o de examinar que tipo de transferência seria mais recorrente na LI (L3) de surdos nativos da LIBRAS, caso a transferência LIBRAS-LI ocorresse. O último objetivo da pesquisa foi verificar que tipo de transferência é mais frequente na aprendizagem de LI por aprendizes surdos de LP, caso seja verificada a transferência LP-LI.

Para os objetivos acima foram formuladas as seguintes hipóteses: 1. a transferência léxico-semântica pode ocorrer mesmo entre línguas de modalidades distintas como a LIBRAS e a LI. O conhecimento da língua materna, mesmo que em modalidade diferente, é um facilitador para a apropriação de uma L2 (ou L3), podendo levar à transferência; 2. a transferência linguística da LIBRAS (L1) para a LI (L3) será maior do que da LP (L2) para a LI (L3) devido ao fato de os informantes serem mais proficientes na LIBRAS do que na LP; 3. aprendizes surdos nativos da LIBRAS têm propensão para a transferência de natureza quirêmica (fonológica) de sua língua L1 ao aprender a LI (L3) ou em decorrência da relação entre alfabeto manual e letra inicial da palavra traduzida na LI; 4. aprendizes surdos falantes nativos de LIBRAS e usuários da LP (L2) tendem a cometer transferência ortográfica da LP (L2) para a LI (L3) ao aprender a LI.

O artigo encontra-se organizado da seguinte maneira: inicialmente, discutiremos questões pertinentes ao bilinguismo do sujeito surdo. Em seguida, apresenta-se uma breve fundamentação teórica acerca da transferência interlinguística, com base em estudos com línguas orais, uma vez que a maioria das pesquisas realizadas na área da aquisição bi/multilíngue foi conduzida com sujeitos ouvintes usuários de línguas orais. Em seguida, apresenta-se a pesquisa empírica desenvolvida e sua discussão, acompanhada das considerações finais do artigo².

1. O aprendiz surdo frente ao bilinguismo/multilinguismo

Ainda que os estudos com línguas orais e informantes ouvintes sejam em maior número, recentemente tem havido um crescente interesse em se pesquisar a aquisição das línguas sinalizadas e orais (especialmente na modalidade escrita) por sujeitos surdos. O bilinguismo do sujeito surdo é *sui generis*, pois envolve línguas expressas por canais distintos, isto é, língua espaço-visual e oral-auditiva. O uso de línguas expressas por canais distintos denomina-se bilinguismo intermodal.

Sabe-se que, em geral, o surdo é aprendiz tardio de sua língua materna, pois a maioria é filha de pais ouvintes, o que acaba gerando um atraso na aquisição de sua L1. Uma das

² Este artigo tem como base a tese não publicada da primeira autora (SILVA, 2013)

barreiras em relação à aprendizagem de uma L2 pelo surdo é o fato de sua L1 não apresentar representação escrita que seja amplamente utilizada; assim, o surdo necessita alfabetizar-se primeiro para aprender uma L2. Quando a criança surda ingressa na escola, ela precisa aprender a ler e a escrever uma língua a qual não ouve e, na maioria das vezes, não conhece. Outra barreira em relação ao aprendizado da língua escrita é que muitas crianças surdas, frequentemente, não ingressam na escola com uma língua materna fluente e bem estruturada com a qual possam aprender uma L2. Diferentemente do ouvinte, que está imerso em um ambiente linguístico acessível desde o nascimento, o mesmo não se verifica com crianças surdas cujos pais não têm conhecimento da língua de sinais (LS). Como consequência, existe muita variação no nível de competência linguística da LS e da língua oral/escrita na comparação entre a maioria ouvinte e o surdo usuário de línguas de modalidades diferentes.

Em relação aos estudos de aquisição multilíngue, tanto no Brasil como no exterior, são poucos os trabalhos voltados para o estudo da aquisição de L3 por surdos, pois as pesquisas ainda se centram em muito maior número no contexto de aquisição de L3 em línguas orais.

2. Transferência Interlinguística no Multilinguismo

A transferência do conhecimento linguístico da língua materna para a língua-alvo é um fenômeno natural à aquisição da L2 ou L3. Quando duas (ou mais) línguas estão envolvidas, todos os sistemas linguísticos (L1, L2, L3, Lx) podem influenciar uns aos outros (CENOZ 2001, 2003).

Os resultados das pesquisas com ouvintes e línguas orais são um referencial relevante para este trabalho, pois investigações sobre a aquisição de L3 por surdos são praticamente inexistentes. As pesquisas com ouvintes revelam as condições que podem determinar a transferência entre a L1, L2 e L3. Entre esses fatores destacam-se: a “distância tipológica”, o “efeito da recência”, o efeito da “língua estrangeira”, a hipótese da interdependência linguística, bem como o nível de proficiência nas línguas empregadas. Na sequência, analisaremos cada uma dessas questões especificamente.

Segundo a hipótese da “distância tipológica”, a proximidade ou semelhança entre as línguas pode determinar se a transferência ocorre no sentido da L2-L3 ou da L1-L3 (CENOZ, 2000). Kellerman (1983) foi um dos primeiros pesquisadores a destacar o papel da tipologia como fator relevante na transferência entre as línguas. Sua abordagem, denominada de “psicotipologia”, enfatiza a percepção que o aprendiz tem sobre o grau de semelhança e diferença entre duas ou mais línguas. Assim, o aprendiz tenderia a transferir estruturas de uma língua para outra, caso as duas línguas fossem percebidas como semelhantes. Entretanto, segundo o autor, a percepção do aprendiz acerca da semelhança entre línguas nem sempre corresponde à real similaridade entre elas. Sikogukira (1993) complementou essa visão ao defender que o ambiente e o método de aprendizagem podem estar relacionados à semelhança psicológica que o aprendiz associa a diferentes línguas. Assim, para o autor, se duas línguas forem aprendidas da mesma forma, com base no mesmo método, em situações semelhantes, elas influenciarão uma à outra.

Outro fator que pode desencadear transferência entre línguas é o “efeito da recência”, segundo o qual a língua que for mais recentemente utilizada será mais facilmente acessada (HAMMARBERG, 2001). Segundo essa hipótese, a influência da L1 ou da L2 sobre a L3 dependerá de qual língua tiver sido mais recentemente utilizada. Os aprendizes tendem a acessar com menor esforço cognitivo uma língua que recebe grande ativação do que uma

língua que eles sabem, mas não utilizam com frequência, e será essa língua mais utilizada que influenciará a aquisição e o uso de uma outra. O “efeito da recência” pode manifestar-se no nível da compreensão ou da produção das línguas em jogo.

O “efeito da língua estrangeira” (WILLIAMS, HAMMARBERG, 1998) é outro elemento responsável pela transferência entre as línguas. De acordo com ele, as transferências ocorrem no sentido L2-L3, pois o aprendiz bloqueia sua competência na L1, língua “não estrangeira”, lançando mão de seus conhecimentos na L2 porque ela possui status de “língua estrangeira”, assim como a L3 que ele está aprendendo. Segundo os autores, esse fator relaciona-se com as diferenças nos mecanismos de aquisição das línguas envolvidas. A L1 e a L2, exceto para bilíngues precoces, são em geral adquiridas de formas diferentes; logo, no momento de aprendizagem e uso de uma L3, o mesmo tipo de mecanismo usado na L2 será reativado na L3, excluindo-se a L1 desse processo (SANCHEZ, 2011).

Outro elemento relevante para a ocorrência de transferência em contexto multilíngue é a “Hipótese da Interdependência Linguística” (CUMMINS, 1981). Todas as línguas, independentemente de serem sinalizadas ou orais, ou de apresentarem diferenças nos níveis sintático, semântico, morfológico ou fonológico, compartilham aspectos em comum, que o autor denomina de proficiência subjacente comum a todas as línguas. Essa proficiência comum diz respeito aos aspectos cognitivos e acadêmicos (habilidades de leitura e escrita), havendo, portanto, uma relação positiva e significativa entre a L1 do aprendiz e o desenvolvimento da L2 ou L3.

Outro fator apontado como significativo para o estabelecimento da transferência entre as línguas é o grau de proficiência entre as línguas envolvidas. Segundo Hammarberg (2001), um grau de proficiência elevado na L2 pode desencadear a influência dessa língua sobre a L3, que está em fase inicial de aquisição. Entretanto, à medida que o nível de proficiência na L3 aumenta, diminui a influência da L2 (ou L1) sobre ela, pois o aprendiz não tem mais tanta necessidade de recorrer à outra língua para suprir as lacunas na língua que está adquirindo.

De Bot (2004) em seu Modelo de Processamento Multilíngue propõe que as línguas aprendidas por um multilíngue são sempre ativadas simultaneamente, em paralelo, ocasionando uma grande competição entre elas. Segundo o autor, o bloqueio completo de um sistema linguístico altamente ativado é provavelmente impossível. Essa competição entre línguas pode se dar tanto no momento da percepção, da compreensão, como no da produção linguística. De Bot destaca que a língua que for utilizada com mais frequência tenderá a prevalecer sobre as demais no momento da transferência de elementos linguísticos para a língua-alvo (L3).

Com base nesses pressupostos teóricos, desenvolvemos a pesquisa, a ser apresentada na seção seguinte.

3. A pesquisa

Os dados da pesquisa foram coletados junto a nove (9) adultos surdos estudantes do Ensino Fundamental, usuários nativos da LIBRAS como L1, aprendizes da Língua Portuguesa (LP) como L2 e da Língua Inglesa (LI) como L3.

Os critérios para a seleção dos participantes foram: (a) serem usuários nativos da LIBRAS e demonstrarem proficiência intermediária nessa língua, comprovada pelo IALS (QUADROS; CRUZ, 2011); (b) serem aprendizes em nível básico de LP (L2) (atestado pela professora de LP através de produções escritas); (c) serem aprendizes em nível inicial de LI

(L3) (comprovado pela professora de LI através da produção escrita e de compreensão); (d) estarem na faixa etária entre 20 e 40 anos.

Todos os participantes assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, sob o número de processo 11/05585.

3.1. Instrumentos e procedimentos para a coleta de dados linguísticos

Foram utilizados 4 instrumentos para a coleta de dados. Todos os instrumentos foram aplicados individualmente, sendo que para administração das tarefas (a), (b) e (c) foi utilizado um *laptop* e o *software E-Prime* (<http://www.pstnet.com/eprime.cfm>) com o propósito de capturar as respostas dos alunos, informando a acurácia (distribuição por tipo de transferência linguística) e o tempo de resposta (TR). Antes da apresentação de cada um dos instrumentos, era feito um treinamento com o participante para sua familiarização com a tarefa. Estímulos diferentes dos analisados na pesquisa foram empregados na construção das tarefas treino. Todas as tarefas foram analisadas por uma fonoaudióloga e intérprete de LIBRAS antes de sua aplicação aos alunos.

O Instrumento (a), adaptado de Capovilla e Raphael (2001), procurou verificar a transferência léxico-semântica da LIBRAS (L1) para a LI (L3). Foram apresentados 15 sinais em LIBRAS por meio de desenhos na tela do computador, sendo que para cada sinal havia 5 opções de palavras escritas em LI. Uma dessas opções correspondia à palavra-alvo e as demais eram palavras distratoras. O informante deveria pressionar o número (de 1 a 5) que correspondesse à alternativa por ele selecionada. As palavras distratoras eram de ordem semântica (como em *mouse-bat*), ortográfica (*world-work*), quirêmica³ (*house-ship*) e fruto da relação entre alfabeto manual e letra (*purple-rug*). Essa última categoria diz respeito à transferência da Configuração de Mão (CM) da LIBRAS para a língua escrita (LI).

As cinco alternativas foram mostradas na tela sem limite de tempo, a fim de que o participante só selecionasse a palavra-alvo depois de decidir sobre ela sem se sentir pressionado por restrição de tempo. No entanto, a instrução foi a de responder à questão de forma mais rápida e acurada possível.

Após fazer sua escolha, no centro da tela foi mostrada uma cruz por um período de 1 segundo, indicando que estava terminada aquela questão e iniciava-se uma nova. O procedimento para todos os 15 sinais apresentados ocorreu de forma idêntica.

³ Semelhança quirêmica ou fonológica refere-se à presença de elementos sublexicais em comum entre sinais como os parâmetros que os constituem. Os parâmetros formam os sinais e dentre eles estão a Configuração de Mão (CM), o Movimento (M), o Ponto de Articulação (PA), a Orientação (Or) e a Expressão Não Manual (ENM). A semelhança de parâmetros entre sinais pode induzir o aluno surdo à transferência.

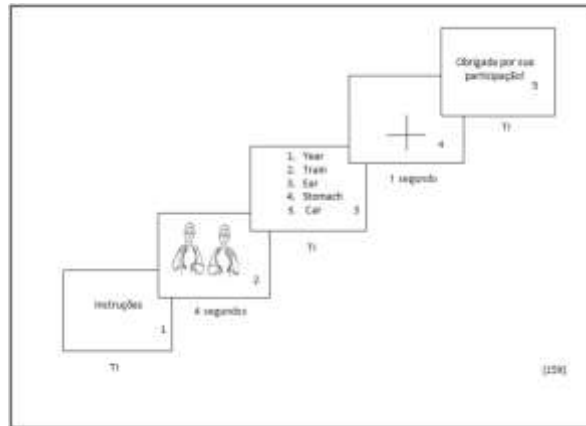


Figura 1: Representação esquemática da apresentação da Tarefa (a)
Fonte: SILVA (2013)

O Instrumento (b), adaptado de Capovilla e Raphael (2001), buscou investigar a transferência da LP (L2) para a LI (L3). A tarefa (b) compartilha com a tarefa (a) alguns aspectos como a instrução e treinamento prévios fornecidos aos alunos, o mesmo equipamento e aplicação individual da coleta de dados.

A seleção lexical nesta tarefa corresponde às categorias: distrator semântico (como em *gun-soldier*) em LI, ortográfico (*homem-homework*) entre a LP e a LI e ortográfico em LI (*book-look*) além da palavra-alvo. A LIBRAS foi excluída desta tarefa porque o objetivo era verificar a relação entre a LP e a LI. Foram apresentadas 15 imagens dos objetos, com alta frequência de uso, seguidas respectivamente de 4 palavras em LI como opções de escolha. Assim como na tarefa anterior, as 4 alternativas foram mostradas na tela, sem restrição de tempo, para que o aluno só selecionasse a palavra-alvo depois de decidir sobre ela. Ao fazer sua escolha, o informante deveria pressionar o número da tecla que correspondesse à resposta-alvo. Em seguida, no centro da tela foi mostrada uma cruz por um período de 1 segundo, indicando que estava terminada aquela questão e iniciava-se uma nova. O procedimento para todos os 11 sinais ocorreu de forma idêntica.

O Instrumento (c), adaptado de Morford *et al* (2011), verificou as transferências entre a LIBRAS (L1) e a LI (L3). Nessa tarefa, são apresentados 20 pares de palavras em LI na tela do computador, um par de cada vez, nos mesmos parâmetros das apresentações dos estímulos das tarefas anteriores. O objetivo foi verificar se o surdo brasileiro ativa sua L1 (LIBRAS) quando lê na L3 (LI), transferindo, assim, elementos da L1 para a L3. Do total dos 20 pares de palavras, 8 eram semanticamente relacionados e 12 não relacionados conceitualmente. Os alunos deveriam decidir se havia relação de sentido ou não entre os pares de palavras, selecionando a tecla 1 para “sim” e 2 para “não”. Foram consideradas palavras semanticamente relacionadas as que pertencem ao mesmo campo conceitual e que, ao serem traduzidas para a LIBRAS, apresentam pelo menos um parâmetro fonológico em comum: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação (Or) e Expressão Não Manual (ENM). Havia pares de palavras semanticamente não relacionados, mas fonologicamente semelhantes em LIBRAS (como *plane-telephone*), pois, embora essas palavras sejam de campos semânticos distintos, na formação do sinal em LIBRAS utiliza-se a mesma CM, ou seja, a letra Y do alfabeto manual e a mesma ENM.

Por outro lado, havia duplas como *car-bike*, semântica e fonologicamente relacionadas em LIBRAS, uma vez que se utiliza a letra S do alfabeto manual; ou seja, constitui a

formação desses dois sinais a mesma CM da LIBRAS, ou seja, a letra “S” do alfabeto manual da LIBRAS e a mesma ENM.

Nesta tarefa, nem a LIBRAS nem a LP estavam presentes nos estímulos, pois o propósito era verificar se a LIBRAS (L1) estava ativa na mente dos participantes no momento da leitura de palavras escritas em LI (L3).

O Instrumento (d) analisou a produção de palavras escritas em LI a fim de verificar as possíveis trocas ortográficas, semânticas, quirêmicas ou indeterminada (na falta de uma explicação para a origem da produção que se enquadre nas demais possíveis explicações), examinando-se a fonte da transferência, se da LIBRAS (L1) ou da LP (L2) para a LI (L3). Os alunos recebiam uma folha A4 com o desenho de 14 sinais em LIBRAS, com a instrução de escrever a palavra equivalente em LI ao sinal apresentado. A seleção dos sinais obedeceu aos seguintes critérios: sinais compostos (como em *escola*), sinais cujas CMs não fazem parte do alfabeto manual em LIBRAS (*polícia*) e sinais em que não há correspondência entre a CM do sinal e a letra inicial da palavra a ser escrita em LI (como em *avião*). Todas as palavras são de uso frequente e familiar.

3.2 Apresentação dos Resultados e Discussão

Optamos por apresentar e discutir os resultados encontrados a partir da análise dos dados coletados por meio da apresentação das hipóteses formuladas para a pesquisa.

A primeira hipótese desta pesquisa, que previa que a transferência lexical poderia ocorrer mesmo entre línguas de modalidades distintas como a LIBRAS e a LI, foi parcialmente confirmada. Os dados coletados através do programa *E-Prime* indicaram que a média do Tempo de Resposta (TR) do distrator quirêmico no instrumento (a) foi significativamente superior à média do TR dos distratores semântico e alfabeto manual/letra pelo teste de Tukey ($p= 0,041$). Ou seja, o sujeito surdo levou mais tempo processando palavras cujos sinais são quiremicamente semelhantes em LIBRAS e na LI do que nas demais categorias de palavras.

Tipo de Erro	Média (ms)	Desvio-Padrão (ms)	Coefficiente de Variação (%)
Distrator Ortográfico	5129 ^a	2963	57,8
Distrator Semântico	2753 ^b	1236	44,9
Distrator Quirêmico	6283 ^a	3593	57,2
Distrator Alfabeto Manual/Letra	3381 ^b	2632	77,9

Tabela 1 - LIBRAS-LI - Instrumento (a): estatística descritiva do TR (em milissegundos) por tipo de transferência, incluindo os 9 participantes surdos⁴.

Fonte: SILVA (2013)

Em relação ao TR na tarefa (c), com apresentação de pares de palavras em LI, o teste *t* de *Student* indicou diferença entre esses dois grupos de palavras, pois $p= 0,09$ (significativo

⁴ Observação: As médias seguidas de mesma letra não diferem significativamente pelo teste de Tukey ao nível de 5%.

ao nível de 10%). Com esse nível de significância, pode-se apenas sugerir que existe diferença no TR entre pares de palavras relacionadas e não relacionadas semanticamente.

Semanticamente	Média (ms)	Desvio-Padrão (ms)	Coefficiente de Variação (%)
Relacionado	6178	4281	69,3
Não relacionado	7611	5949	78,2

Tabela 2 - Instrumento (c) - pares de palavras em LI: estatística descritiva do TR (em ms) nos acertos de pares de palavras semanticamente relacionados e não relacionados, mas fonologicamente similares em LIBRAS
Fonte: SILVA (2013)

Os resultados das tarefas (a) e (c) confirmam, ainda que parcialmente, as proposições de Cummins (1981), segundo as quais o sujeito surdo é capaz de transferir o conhecimento linguístico da L1 para a L2 (ou L3) ainda que sejam línguas expressas por canais distintos. O surdo busca na língua que mais domina, sua língua de sinais, elementos para aproximá-la da língua oral (LI). Por este motivo, os informantes surdos levaram mais tempo para processar palavras cujos sinais são semelhantes em LIBRAS (Tabela 1). Essa afirmação também é confirmada pelos dados da Tabela 2, que mostra que os alunos utilizaram mais tempo para decidir entre pares de palavras em LI que traduzidas para a LIBRAS apresentam parâmetros de formação de sinais semelhantes. Assim, ao ler palavras de uma língua oral, ainda que seja uma L3, o surdo acessa sua L1, indicando, assim, a presença das línguas sinalizadas competindo com as demais na mente de surdos (bi/multilíngues), conduzindo à sua transferência para as línguas orais.

A segunda hipótese deste trabalho abrangia a questão da proficiência nas três línguas. Mais especificamente, previa-se que, como a proficiência do aprendiz surdo era maior em sua L1 (LIBRAS) do que na L2 (LP), a influência da LIBRAS sobre a L3 (LI), que se encontra em estágio inicial de aquisição, seria maior do que a influência da L2 (LI) sobre a L3. A hipótese foi confirmada de forma parcial, pois foi corroborada em uma tarefa, mas não em outra. Em relação à distribuição da acurácia por categoria na tarefa (d), o distrator quirêmico foi um dos distratores menos prevalentes em relação aos distratores ortográfico e transferência da LP-LI. Ou seja, os informantes não cometeram erros de ordem quirêmica na produção escrita de palavras em LI (Tarefa d) que fossem significativos estatisticamente, como visualizado na Tabela 3.

Tipo de erro	Frequência	Prevalência (%)	Intervalo de Confiança 95% para prevalência	
			Limite Inferior	Limite Superior
Ortográfico	46	51,1%	40,8%	61,4%
Transferência LP-LI	31	34,4%	24,6%	44,3%
Semântico	8	8,9%	3,0%	14,8%
Quirêmico	1	1,1%	0,0%	3,3%
Indeterminado / SR	4	4,4%	0,2%	8,7%
Total	90	100%		

Tabela 3 - Instrumento (d) – produção escrita de palavras em LI: Tabela de prevalência do tipo de transferência e intervalo de confiança
Fonte: SILVA (2013)

No entanto, o TR coletado pelo instrumento (a) indica uma diferença significativa ($p=0,041$) no tempo que os participantes surdos levaram ao selecionar palavras em LI quiremicamente semelhantes em LIBRAS (Tabela 1).

Os resultados das tarefas (a) (b), (c) e (d) confirmam, ainda que parcialmente, a tese de pesquisadores como De Angelis (2007) de que a transferência linguística para a L3 tende a ocorrer no processo inicial de aquisição da L3, partindo da L1 ou da L2. Os informantes desta pesquisa são aprendizes iniciais de LI (L3); às vezes recorrem à LIBRAS, outras vezes à LP como fonte de transferências. Em relação à proficiência, a LIBRAS (L1) é a língua mais estabilizada, desencadeando a maior parte das transferências para a LI (L3).

Em relação à terceira hipótese, que supunha que aprendizes surdos nativos da LIBRAS têm propensão para cometerem transferência de natureza quirêmica de sua L1 (LIBRAS) ao aprender a LI como L3 ou em incorrer em produções decorrentes da relação entre alfabeto manual e letra inicial da palavra traduzida em LI, constatou-se uma confirmação parcial da hipótese. Ou seja, foi observada em apenas um dos dois instrumentos aplicados. Como apresentado acima, na tarefa (a) os alunos levaram mais tempo para decidir entre palavras em LI cujos sinais em LIBRAS são semelhantes do ponto de vista quirêmico ($p=0,041$). Porém, não foi encontrada diferença significativa que indicasse que os surdos cometem mais erros de origem quirêmica da LIBRAS ao escrever palavras em LI, como mostra o gráfico a seguir. Pelo contrário, na tarefa (d), o distrator quirêmico foi um dos distratores menos prevalentes em relação aos demais. Ou seja, os resultados apontados pela tarefa de produção escrita não foram os mesmos dos coletados na tarefa de julgamento. Deve-se considerar que essa diferença encontrada pode estar relacionada ao tipo de tarefa, uma vez que a produção escrita exige um conhecimento diferente daquele demandado por tarefas de julgamento semântico-lexical, habilidade envolvida nas outras três tarefas (a, b e c).

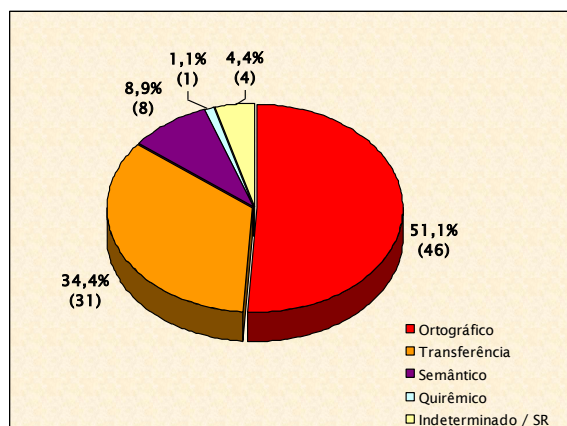


Gráfico 1- Instrumento (d) - distribuição de transferência por categoria: produção escrita de palavras em LI (porcentagem e valor absoluto em parênteses)
Fonte: SILVA (2013)

Os resultados dos instrumentos aplicados para confirmar esta terceira hipótese indicam que o aprendiz surdo sofreu influência de sua L1 ao processar a LI (L3) em uma das duas tarefas aplicadas. Como visualizado nas tabelas 1 e 2, surdos usuários da LIBRAS estão sujeitos a cometer transferência de ordem quirêmica ou fruto da relação entre alfabeto manual e letra inicial da palavra em LI ao processarem essa língua como L3.

A quarta hipótese deste trabalho previa que aprendizes surdos usuários da LP (L2) têm tendência em cometer transferência ortográfica da LP (L2) para a LI (L3) ao empregarem a LI. Quanto à distribuição da transferência no instrumento (b) (Gráfico 2), as análises de seus resultados indicam que não houve diferença estatisticamente significativa entre os distratores que compõem este teste.

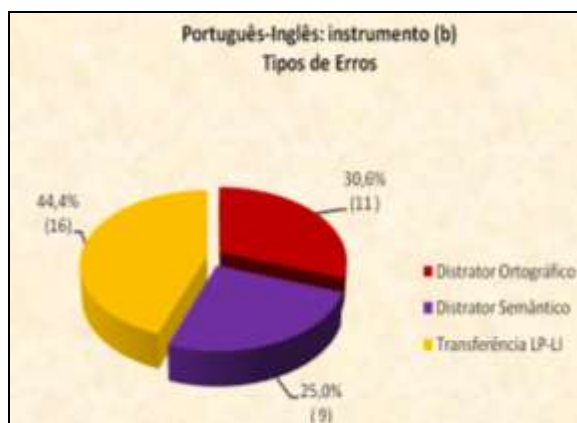


Gráfico 2- Instrumento (b) - LP – LI, distribuição por categorias de transferência (em porcentagem e valor absoluto em parênteses)
Fonte: SILVA (2013)

Da mesma forma, tampouco foi evidenciada diferença estatística nos resultados dos TRs médios de cada grupo de distratores do referido instrumento ($p= 0,387$) (Tabela 4).

Tipo de Transferência	Média (ms)	Desvio-Padrão (ms)	Coefficiente de Variação (%)
Distrator Ortográfico	5932	3593	60,6
Distrator Semântico	6801	3293	48,4
Transferência LP-LI	5341	2900	54,3

Tabela 4 - Instrumento (b) - LP-LI: estatística descritiva dos valores do TR (em ms) por tipo de transferência
Fonte: SILVA (2013)

Entretanto, em relação à tarefa que investiga os processos de transferência da LP (L2) para a LI (L3), instrumento (d), foram encontrados alguns indícios que revelam que o aluno surdo utiliza a LP como fonte de transferência para suprir sua falta de conhecimento na LI. A Tabela 3 acima demonstra que a transferência LP-LI (assim como a ortográfica) são significativamente mais prevalentes que os demais tipos de transferência. Esses resultados talvez possam ser explicados pelo “efeito da língua estrangeira” de Williams e Hammarberg (1998), segundo o qual o aprendiz de uma L2 (ou L3) suprime a L1, sua língua “não estrangeira”, valendo-se da L2 para efetuar aprendizagem na L3. O ambiente de aprendizagem e o método de ensino (em sala de aula) podem ter gerado o efeito da semelhança para o surdo brasileiro, que aprende a LI em sala de aula com instrução formal assim como estava aprendendo a LP (L2).

Conclusão

Os resultados encontrados nesta pesquisa apresentam indícios relevantes para uma melhor compreensão do processo de transferência interlinguística no multilinguismo e para os estudos sobre línguas sinalizadas. Os resultados sugerem que, assim como os sujeitos ouvintes, sujeitos surdos usuários de línguas de sinais também transferem elementos da sua L1 e da L2 ao processarem uma L3. Esse fato indica que a modalidade linguística na qual se expressa um sistema linguístico, seja espacial ou oral, não é impedimento para que as transferências entre diferentes línguas se verifiquem.

A análise dos dados à luz dos pressupostos teóricos sobre transferência interlinguística aqui discutidos parece indicar uma prevalência da hipótese da “proficiência linguística” como determinante em acarretar as transferências entre as línguas envolvidas. Nesse sentido, a maior competência linguística na LIBRAS (L1) dos sujeitos deste estudo sobrepujou o papel do “efeito da recência” ou da semelhança tipológica e de modalidade entre a LP e a LI (línguas orais), ainda que tanto a LP como a LI tenham sido aprendidas pelos informantes de forma similar, ou seja, na mesma instituição e por meio da instrução formal em sala de aula. Embora os informantes deste estudo sejam, como grande parte dos surdos, aprendizes tardios da língua materna, essa é a língua que eles mais dominam e, portanto, é a partir dela que a transferência linguística tende a ocorrer. Logo, o efeito da “psicotipologia”, semelhança psicológica percebida pelos informantes, entre a LP e a LI não pareceu ser determinante para desencadear transferências significativas entre as três línguas investigadas.

O Modelo de Processamento Multilíngue proposto por De Bot (2004), segundo o qual a frequência de uso de uma língua determina a língua fonte da transferência, também parece explicar os resultados encontrados da transferência no sentido LIBRAS-LI. Ainda que o surdo

esteja imerso em um ambiente linguístico em que predomina a LP (L2), é na sua L1 (LIBRAS) que ele se sente mais à vontade e tem condições de melhor se desenvolver linguisticamente, ou seja, é a LIBRAS a língua mais utilizada pelo sujeito deste estudo e, portanto, aquela que conduz a uma maior interferência na L3.

Por outro lado, os indícios de transferência da LP (L2) para a LI (L3) encontrados em alguns testes deste estudo podem ser explicados justamente pela “psicotipologia”, semelhança de modalidade - tanto a LP como a LI são línguas oral-auditivas - e pelo “efeito da língua estrangeira”. Os informantes surdos parecem ter suprimido o conhecimento na LIBRAS (L1), lançando mão da L2 (LP) porque ela possui *status* de “língua estrangeira”, assim como a L3 (LI) que ele está aprendendo, o que se verificou na tarefa de produção escrita em LI.

Os dados desta pesquisa foram coletados junto a uma amostra pequena, pois os parâmetros de inclusão de participantes na pesquisa restringiram a participação de sujeitos com características de proficiência nas três línguas ou idades cronológicas divergentes do estipulado. Assim, a baixa representatividade não permite generalizações dos resultados para outras populações. Mesmo assim, acredita-se ter contribuído para procurar avançar os estudos nessa área tão instigante e ainda incipiente, tanto em nível internacional quanto nacional.

A complexidade que caracteriza a aquisição multilíngue e os poucos estudos com informantes surdos e línguas de sinais justifica a necessidade da realização de mais pesquisas com o propósito de especificar as características que compõem a aquisição e o processamento multilíngue e a interação entre línguas orais e sinalizadas. Pesquisas com essa abordagem permitem aplicações pedagógicas, relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem de línguas, bem como terapêuticas, no sentido de auxiliar o sujeito surdo com necessidade de terapia de cunho linguístico após algum acometimento cerebral responsável pela perda ou declínio na produção de uma (ou mais) língua(s) que utiliza.

Learning English as a third language (L3) by Brazilian deaf learners: investigating lexical-semantic transfer between languages of different modalities

ABSTRACT: The aim of the article is to analyze the process of lexical-semantic transfer in English as an L3 by nine (9) deaf native users of the Brazilian Sign Language (LIBRAS), learners of Brazilian Portuguese (BP) (L2). Three lexical tasks were administered with *E-prime* software, together with a word production task in English. The results indicated lexical transfer between languages of different modalities (LIBRAS and BP), as well a higher transfer from LIBRAS to English in comparison to BP, an oral language as well as English, but in a lower proficiency level as compared to LIBRAS. The results corroborate the hypotheses of languages co-activation in a bilingual/multilingual mind.

Keywords: LIBRAS (Brazilian Sign Language). Deafness. Third Language (L3) Acquisition. Multilingualism. Lexical and Semantic Transfer.

Referências

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001. 2 v.

CENOZ, J. *Research on multilingual acquisition*. In: CENOZ, J.; JESSNER, U. (Ed.). *English in Europe m: the acquisition of a third language*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2000. p. 39-53.

CENOZ, J. The effect of linguistic distance, L2 status and age on cross-linguistic influence in third language acquisition. In: CENOZ, J.; HUFSEISEN, B.; JESSNER, U. (Ed.). *Cross-linguistic influence in third language acquisition: psycholinguistic perspectives*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2001.

CENOZ, J. The additive effect of bilingualism on third language acquisition: a review. *The International Journal of Bilingualism*, London, v. 7, n. 1, p. 71-87, Mar. 2003.

CUMMINS, J. The role of primary language development in promoting educational success for language minority students. In: LEYBA, C. F. (Ed.). *Schooling and language minority students: a theoretical framework*. Los Angeles, USA: State Department of Education, 1981.p. 3-49.

EMMOREY, K. et al. Bimodal bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge, UK, v. 11, n. 1, p. 43-61, 2008.

DE ANGELIS, G. *Third or additional language acquisition*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2007. (Second Language Acquisition, 24).

DE BOT, K. *The multilingual lexicon: modeling selection and control*. *International Journal of Multilingualism*, Colchester, v.1,n.1, p. 1-16, 2004.

HAMMARBERG, B. Roles of L1 and L2 in L3 production and acquisition. In: CENOZ, J.; HUFSEISEN, B.; JESSNER, U. (Ed.) *Cross-linguistic influence in third language acquisition: psycholinguistic perspectives*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2001. p. 21-58.

KELLERMAN, E. Now you see it, now you don't. In: GASS, S.; SELINKER, L. (Ed.). *Language transfer in language learning*. Rowley: Newbury House, 1983. p. 112-134.

MORFORD, J. P. et al. When deaf signers read English: do written words activate their sign translations? *Cognition*. Ottawa, ON, v. 118, n. 2, p. 286-292, Feb. 2011.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SANCHEZ, L. “Luisa and Pedrito’s Dog will the Breakfast Eat”: Interlanguage Transfer and the Role of the Second Language Factor. In: DE ANGELIS, G.; DEWAELE, J-M. (Ed.). *New Trends in Crosslinguistic Influence and Multilingualism Research*, Toronto: Multilingual Matters, 2011, p. 86-104.

SILVA, M. C. C. *Aprendizagem da Língua Inglesa como L3 por aprendizes surdos brasileiros: investigando a transferência léxico-semântica entre línguas de modalidades diferentes*. 2013. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras (Linguística) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS.

SIKOGUKIRA, M. Influence of languages other than the L1 on a foreign language: a case of transfer from L2 to L3. *Edinburgh Working Papers in Applied Linguistics*, Edinburgh, v. 4, p. 110-132, 1993.

WILLIAMS, S.; HAMMARBERG, B. Language switches in L3 production: implications for a polyglot speaking model. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 19, n. 3; p. 295-333, 1998.

Data de envio: 26/05/2014

Data de aceite: 21/01/2015

Data de publicação: 30/04/2015